



Ativos

# SUINOCULTURA

Ano 1 - Edição 1 - Maio de 2015

facebook.com/canaldoprodutor

twitter.com/canaldoprodutor

canaldoprodutor.com.br



## Suinocultura brasileira avança no cenário mundial

A suinocultura brasileira vem sendo marcada por altos e baixos nos últimos anos, mas é fato que tem conquistado seu espaço no cenário mundial e nacional. O ano de 2014, inclusive, pode ser considerado um dos melhores para a atividade.

**CENÁRIO MUNDIAL** – Atualmente, o Brasil é o quarto maior produtor mundial de carne suína. Segundo dados do USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos), a produção nacional em 2013 foi da ordem de 3,3 milhões de toneladas (equivalente-carcaça), mais de 3 milhões de toneladas que o volume

registrado há 50 anos. No entanto, os maiores produtores estão bem além desta quantidade. A produção chinesa, maior do mundo, foi de 54,9 milhões de toneladas em 2013. A da União Europeia totalizou 22,3 milhões de toneladas, e a dos Estados Unidos, 10,5 milhões de toneladas.

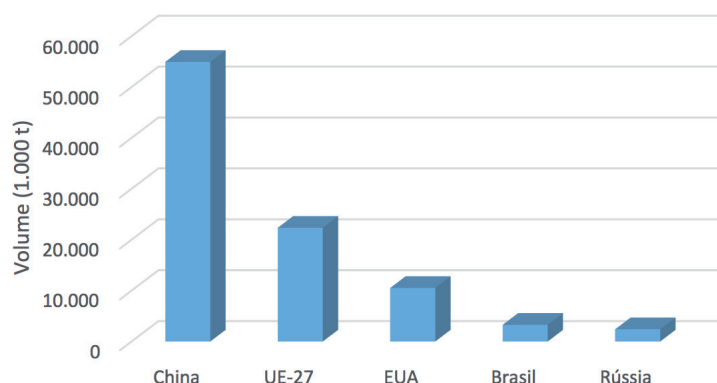
Esses países, incluindo o Brasil, também são os maiores consumidores mundiais em termos absolutos. A China vem no topo do ranking, com 55,4 milhões de toneladas consumidas em 2013. Em seguida, está o consumo da União Europeia, de 20,1 milhões de toneladas, e o dos Estados Unidos, de 8,7 milhões de toneladas. Em quarto lugar, aparece

a Rússia, que, no ano passado, consumiu 3,3 milhões de toneladas de carne suína. O Brasil fica na quinta posição – dados do USDA apontam consumo de 2,7 milhões de toneladas pelos brasileiros em 2013.

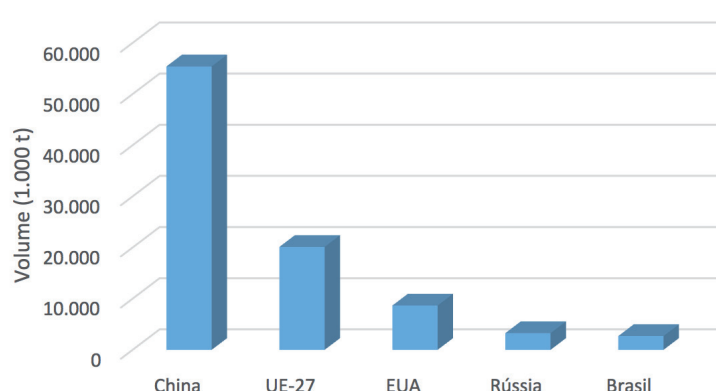
O ranking é muito semelhante quando se trata de mercado internacional. O maior exportador de carne suína em 2013 foram os Estados Unidos, com 2,3 milhões de toneladas embarcadas. Na sequência, vieram os europeus, com 2,2 milhões de toneladas exportadas, e, logo depois, o Canadá (1,2 milhão de toneladas). O Brasil ocupou o quarto lugar, totalizando 585 mil toneladas embarcadas em 2013, de acordo com o USDA.

*Por Prof. Dr. Sergio De Zen, Camila Brito Ortelan, Marcos Debatin Iguma  
Equipe Suínos/Cepea*

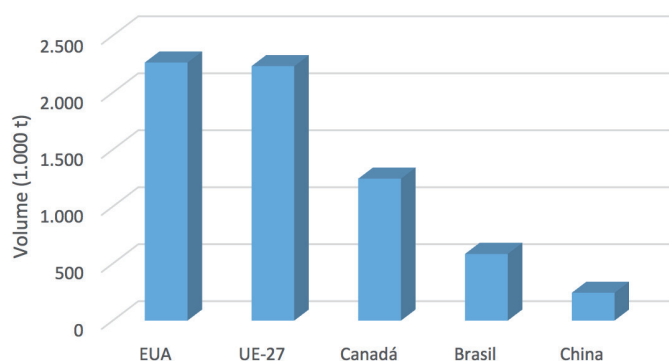
Produção



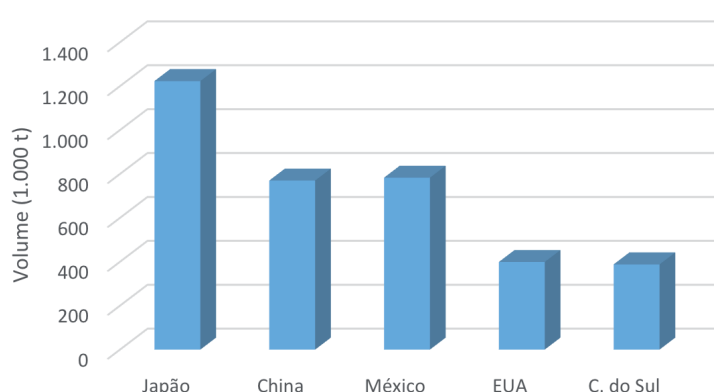
Consumo Doméstico



Exportação



Importação



**Gráfico 1:** Produção, consumo, importação e exportação de carne suína  
**Fonte:** FAS/USDA (2014). Elaboração: Cepea/Esalq-USP

**HISTÓRICO** – Além da subsistência, inicialmente, a criação de suínos no Brasil era voltada especialmente para a produção de banha, muito utilizada na elaboração e conservação de alimentos. O salto na produção de carne suína se deu mesmo a partir da década de 60, com a adoção do sistema intensivo de criação. Aos poucos, o foco foi se voltando para a produção de carnes, especialmente quando os óleos vegetais foram ganhando espaço na elaboração de alimentos e a refrigeração passou a substituir a banha na conservação.

Houve crescimento considerável, mas não sem percalços. A suinocultura

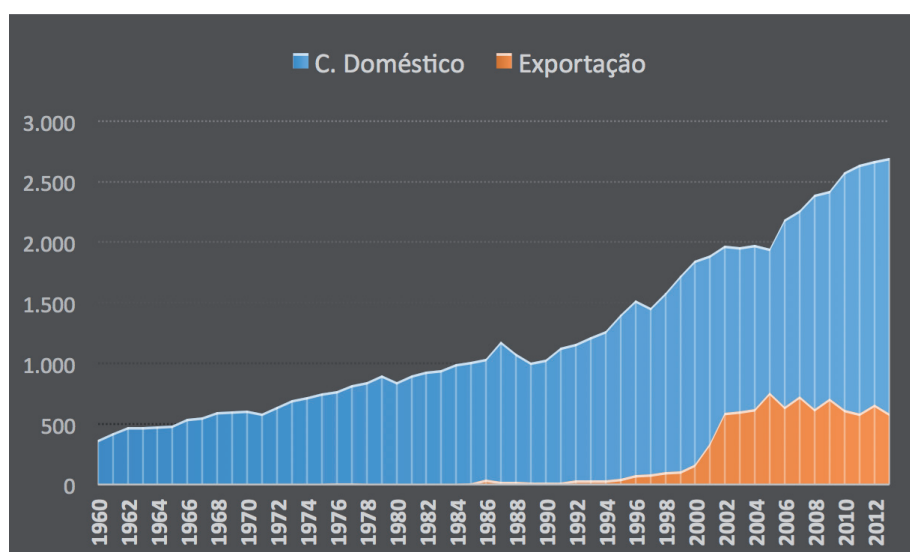
brasileira teve que enfrentar problemas como a peste suína africana, que acometeu o rebanho nacional no final da década de 70. Além disso, o cenário econômico da chamada “década perdida” comprometia o consumo de parte da população brasileira.

A recuperação mais consistente do consumo nacional de carne suína veio na década de 90, após a implantação do Plano Real e a consequente estabilização da moeda. Ademais, depois da adoção da taxa de câmbio flutuante, em 1999, as exportações brasileiras ganharam força, estimulando o aumento da produção para atender

também ao mercado externo.

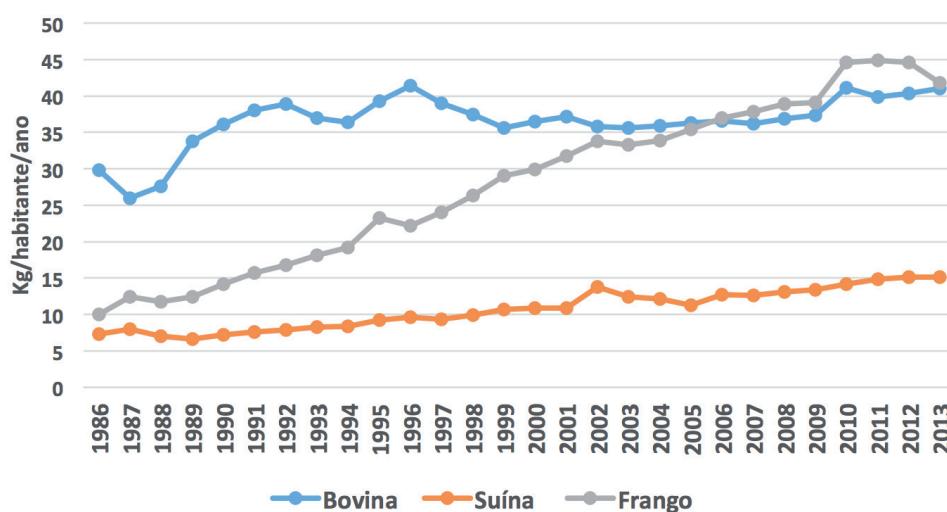
Outro contratempo enfrentado pelo setor suinícola foi o caso de aftosa ocorrido em 2005, no estado de Mato Grosso do Sul. Mesmo que a doença tenha afetado apenas os bovinos, as portas do comércio internacional também se fecharam para a carne suína brasileira. Alguns países voltaram a comprar do Brasil logo em 2006. Outros, porém, permaneceram sem importar o produto nacional até recentemente. É o caso do Japão, que voltou a importar carne brasileira apenas em agosto de 2013, e da África do Sul, que abriu seu mercado em novembro deste ano.

Atualmente, o Sul do Brasil detém a maior parte da produção de suínos nacional. Segundo a Pesquisa Pecuária Municipal de 2013 do IBGE, o rebanho dessa região foi da ordem de 17,9 milhões de cabeças, o que corresponde a 49% do total nacional. Se considerada apenas a suinocultura industrial, essa participação deve ser ainda maior. Conforme o IBGE, a região com o segundo maior rebanho é a Sudeste, com 6,9 milhões de cabeças em 2013. Em terceiro lugar, vem o Nordeste, com 5,6 milhões de cabeças. Vale ressaltar que, na região nordestina, assim como no Norte, a produção ainda é mais voltada para a subsistência.



**Gráfico 2:** Produção brasileira de carne suína segregada em exportação e consumo nacional

Fonte: FAS/USDA (2014) | Elaboração: Cepea/Esalq-USP



**Gráfico 3:** Evolução do consumo per capita das carnes bovina, suína e de frango no Brasil

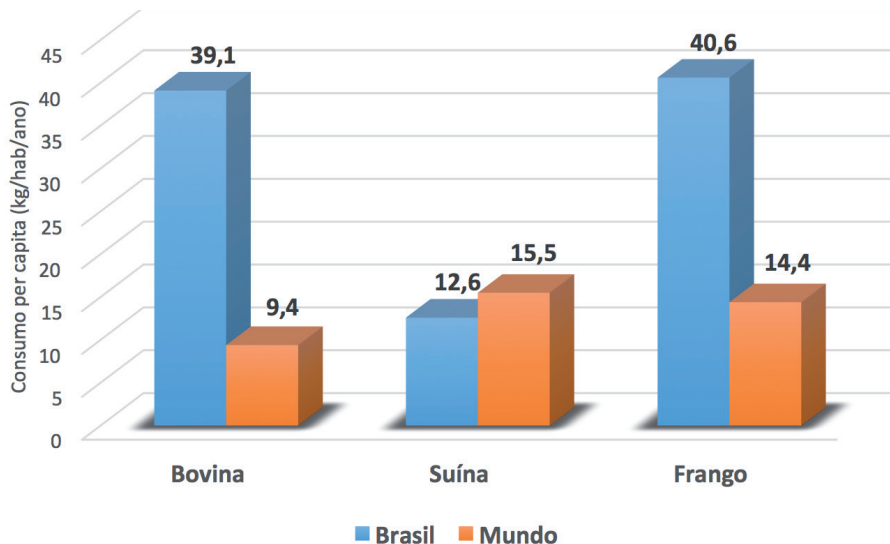
Fonte: Abiec e ABPA | Elaboração: Cepea/Esalq-USP

**CONSUMO DOMÉSTICO** – Apesar da evolução nas exportações, ainda é o mercado doméstico que absorve mais de 80% da produção brasileira. Em termos absolutos, a quantidade consumida só tem crescido no Brasil, dado o aumento da população e da renda.

No entanto, em termos per capita, o consumo de carne suína no Brasil cresce de forma gradativa. Segundo dados da ABPA (Associação Brasileira de Proteína Animal), em 2013, cada brasileiro consumiu, em média, 15,1 quilos de carne suína.

Essa quantidade está muito aquém dos 41,8 quilos de carne de frango e 41 quilos de carne bovina consumidos por habitante em 2013 – dados da ABPA e da Abiec (Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes), respectivamente.

Em termos mundiais, considerando-se dados da FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura), enquanto no Brasil a carne suína é preterida em relação às carnes bovina e de frango, no mundo ela é a mais consumida. Para estimular o consumo no Brasil, a cadeia produtiva tem se mobilizado na modernização da comercialização de carne suína, bem como na conscientização do consumidor.



**Gráfico 4:** Consumo per capita das carnes bovina, suína e de frango no Brasil e no mundo  
**Fonte:** FAO (2011) | **Elaboração:** Cepea/Esalq-USP

## Conjuntura mercadológica

Em 2014, os preços do suíno vivo e da carne atingiram recordes (considerando-se a inflação do período). No dia 10 de novembro, a carcaça especial suína atingiu a maior média diária desde o início da série histórica do Cepea, em 2004, para o produto, chegando a R\$ 7,93/kg no atacado da Grande São Paulo.

Quanto aos valores pagos ao suinocultor, em São Paulo, onde ainda predomina o mercado independente, o recorde real foi batido no dia 11 de novembro, de R\$ 5,30/kg, na média da região SP-5 (Bragança Paulista, Campinas, Piracicaba, São Paulo e Sorocaba).

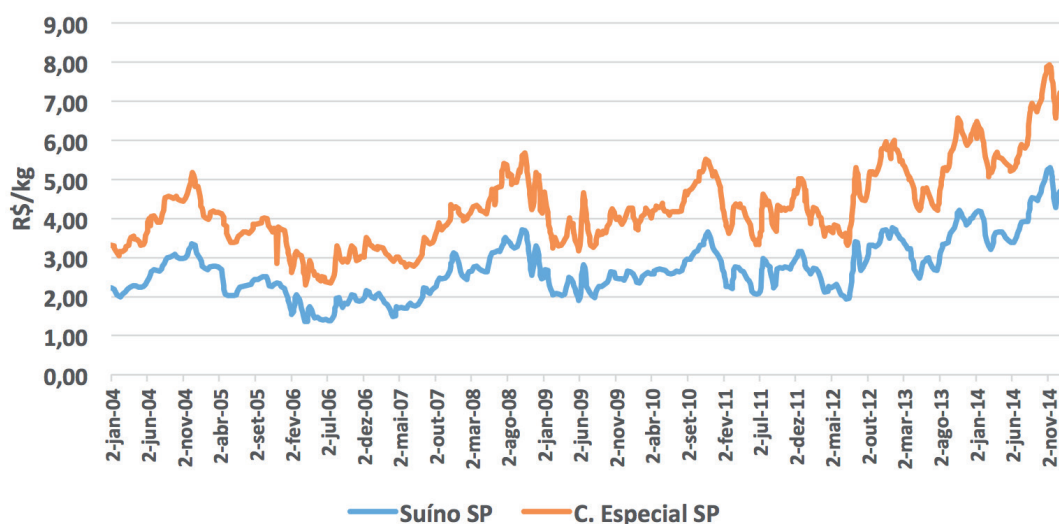
No Sul do País, onde predomina a produção no sistema de integração vertical, bem como no Centro-Oeste, os valores do suíno vivo também atingiram recordes.

Os fortes aumentos de preços estiveram atrelados à oferta relativamente baixa de animais para abate e ao bom desempenho das exportações. No que diz respeito à oferta, a redução do plantel foi consequência de períodos de forte crise para o setor nos últimos anos.

Em 2012, a quebra da safra norte-americana de grãos elevou consideravelmente os preços do milho e farelo de soja no Brasil, os quais são os principais insumos utilizados na nutrição animal e, portanto, importantes componentes de custo na produção de suínos. Além disso, suinocultores tinham que lidar com valores cada vez menores recebidos pelos animais. Alternância entre proibições russas, ucranianas e argentinas à carne

brasileira desestabilizou o mercado nacional por diversas vezes nos últimos dois anos, elevando a oferta interna e pressionando as cotações.

Como consequência desse cenário, produtores reduziram o plantel, com alguns chegando até mesmo a deixar a atividade. Naquele momento em que a demanda estava baixa, o efeito dessa redução na produção não fora sentido. Foi a partir do segundo semestre de 2013 que o reflexo da diminuição na oferta ocorreu. A valorização da carne bovina elevou o consumo de proteínas mais baratas, entre elas a suína, e as exportações ganharam ritmo. Esse cenário se manteve em 2014, com as cotações atingindo níveis nunca antes observados.



**Gráfico 5:** Evolução dos preços do suíno vivo pago ao produtor no mercado independente de São Paulo e preço da carcaça especial suína negociada no atacado da Grande São Paulo, em termos nominais

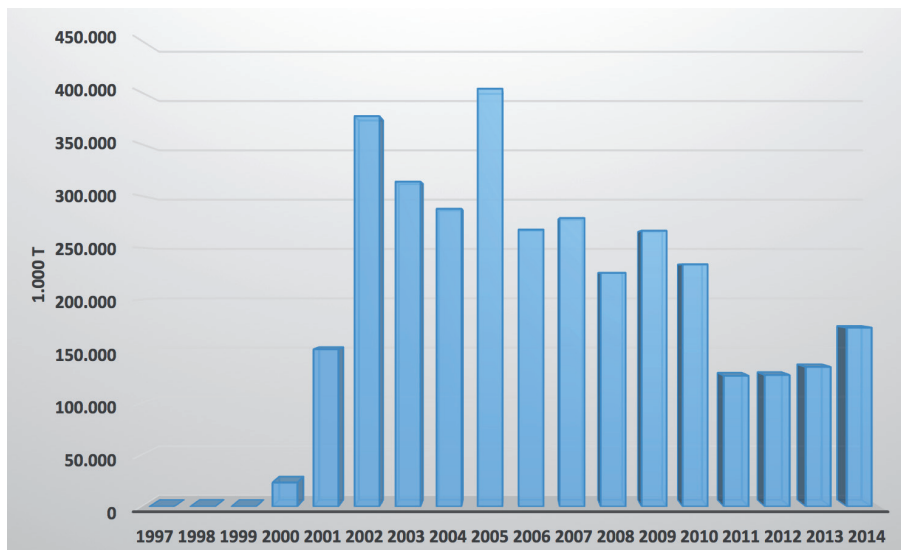
**Fonte:** Cepea/Esalq-USP

## Mercado externo

Em 2014, o mercado internacional teve papel importante no desempenho positivo do setor suinícola. A Rússia, dessa vez, contribuiu para elevar as exportações de carne suína. Devido a conflitos com a União Europeia e os Estados Unidos, a partir de agosto, os russos passaram a comprar mais carne de outros países, entre os quais o Brasil. No acumulado de janeiro a novembro, a Rússia já havia importado 172,8 mil toneladas de carne brasileira, 28% a mais que todo o volume adquirido em 2013, de 134,9 mil.

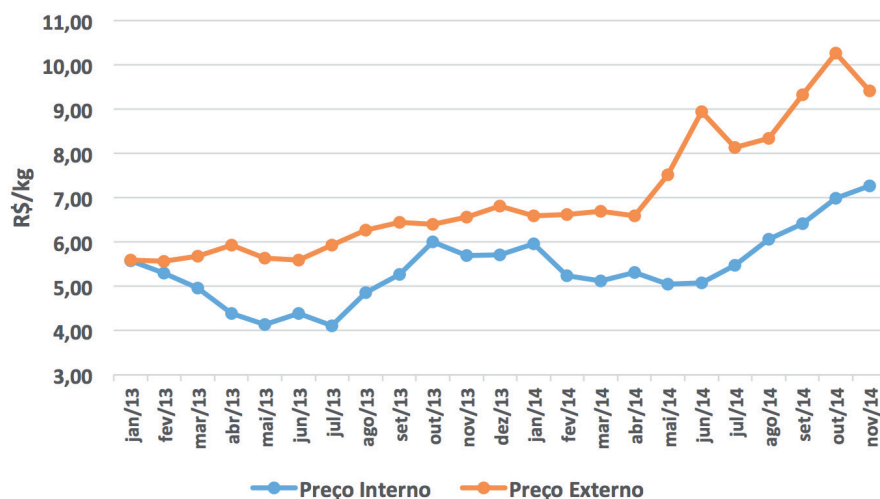
Além disso, enfermidades como a peste suína africana (ASF) e a diarreia epidêmica suína (PEDv) vêm acometendo rebanhos de importantes países produtores de suínos. Esse cenário tem aberto oportunidades para o Brasil aumentar os embarques, bem como receber preços maiores pela carne exportada.

Para 2015, o cenário ainda é incerto. Os preços elevados da carne vêm inibindo parte dos consumidores. Por outro lado, o mercado dá sinais de que manterá um bom ritmo. O resultado dependerá da manutenção de uma oferta ajustada à demanda – os preços elevados de 2014 não parecem ter estimulado produtores a aumentar consideravelmente os plantéis, diante de uma procura instável.



**Gráfico 6:** Exportações anuais de carne suína brasileira para a Rússia

Fonte: MDIC/Secex | Elaboração: Cepea/Esalq-USP



**Gráfico 7:** Preços internos e externos de carne suína

Fonte: MDIC/Secex e Cepea/Esalq-USP

O mercado brasileiro passa a contar com levantamentos sobre custos de produção da suinocultura e avicultura nacionais. As pesquisas serão conduzidas pelo Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), da Esalq/USP, em parceria com a CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil), com o objetivo principal de oferecer mais informações a todos que interagem com essas cadeias. Na pecuária, o Cepea já realiza estudos sobre custos de produção de carne bovina, de leite e de ovino e caprinocultura em todo o Brasil.